

ORIENTAÇÕES TEÓRICAS PARA TRABALHAR O LIVRO *GEOGRAFIA DE DONA BENTA* (1935) DE MONTEIRO LOBATO NAS AULAS DE GEOGRAFIA

GIARETTA, Liz Andreia. Mestre em Geografia IGCE/UNESP Rio Claro - SP
Rua Prefeito Ângelo Lopes, 1111 ap. 21-A Curitiba - PR
liz.mefi@hotmail.com

ANTONIO FILHO, Fadel David. Professor do Dep. Geografia UNESP Rio Claro - SP
Rua 10, n. 2527 Bairro Santana Rio Claro - SP
fadeldaf@rc.unesp.br

1. RESUMO

Monteiro Lobato criou uma literatura infantil genuinamente nacional ao ter escrito as histórias do *Sítio do Picapau Amarelo*, entre 1920 e 1940. No contexto histórico em que ele viveu e elaborou essa obra, a ciência geográfica brasileira estava sendo instituída no país com instrumental possibilista intercalado às idéias deterministas. Porém, o discurso geográfico de Monteiro Lobato presente em sua obra infantil, em especial no livro *Geografia de Dona Benta* (1935), analisado no presente artigo, apresenta idéias essencialmente deterministas e pautadas no evolucionismo spenceriano. Nesse livro também constatamos que esse discurso não se caracteriza pela neutralidade, mas pelo engajamento com as idéias da burguesia industrial, a classe dominante da qual Lobato era representante.

Palavras-chaves: Ensino de Geografia - História do Pensamento Geográfico Brasileiro – visão do mundo – Monteiro Lobato – literatura infantil.

2. INTRODUÇÃO

Monteiro Lobato é considerado por Sevcenko (1983) um dos escritores-cidadãos que se destacaram no Brasil nos anos iniciais do século XX. Isso porque, entre outros méritos, ele produziu uma literatura infantil que retratou a sociedade brasileira entre as décadas de 1920 e 1940. Nesse período, nossa sociedade experienciava muitas transformações, embora se mantivessem o atraso econômico e a miséria da população, fatores que dificultavam a inserção do Brasil na economia mundial como um país moderno e competitivo. Sendo assim, os governantes nacionais, imbuídos de pretensões progressistas, ansiavam reverter esses fatores, especialmente, na década de 1930, quando ocorreu a ascensão da burguesia industrial ao poder.

Nas histórias infantis que escreveu, Lobato compartilhou com as crianças, entre outras concepções, o projeto que ele elaborou para reestruturar o espaço geográfico brasileiro. Esse projeto estava pautado na industrialização, no trabalho eficiente, na exploração dos recursos naturais, na educação, na construção de uma identidade nacional, na democracia e em uma política territorial, visando a desenvolver o país e a melhorar a condição de vida da população. Ele também foi elaborado em consonância com a visão do mundo da burguesia industrial, classe dominante da qual Lobato fazia parte.

Para produzir sua literatura infantil, Lobato buscou subsídios na Geografia brasileira, que estava sendo instituída na academia na década de 1930, intercalando as ideias possibilistas lablachianas com as ideias deterministas de Ratzel. Muitas histórias infantis lobatianas refletem essa fase do pensamento geográfico brasileiro. Analisar essas histórias, portanto, pode contribuir para vislumbrar um panorama e refletir sobre as ideias, métodos, teorias, direcionamento pedagógico e ideologias da Geografia brasileira que, historicamente, representa os propósitos da classe dominante.

3. OBJETIVOS

A proposta deste artigo é orientar educadores do Ensino Médio e da Graduação que anseiam em trabalhar as histórias infantis de Lobato na perspectiva geográfica em suas aulas, mas que carecem de uma orientação teórica que os auxilie a compreender as ideologias geográficas desse escritor, que também são as da classe dominante.

Outra pretensão deste artigo é analisar o pensamento geográfico embutido na visão do mundo de Monteiro Lobato inserida na história infantil de maior relevância para os estudos geográficos: *Geografia de Dona Benta*, escrita em 1935. Nessa análise, pretendemos evidenciar para a comunidade acadêmica geográfica um importante escritor brasileiro de literatura infantil que, mesmo não sendo geógrafo, também se debruçou sobre a ciência geográfica para escrever algumas de suas histórias. Com isso, pretendemos contribuir para incrementar os estudos da História do Pensamento Geográfico Brasileiro.

4. REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLÓGICO

O método que nos orientou nas análises e na interpretação da *Geografia de Dona Benta* está de acordo com as propostas de Lucien Goldmann, em sua sociologia da literatura. Esse método, denominado estruturalista genético, tem o enfoque no materialismo histórico e dialético. Segundo Goldmann (1967, p. 124), ele nos “permite compreender melhor o conjunto dos processos históricos e sociais de uma época, e permite também explicitar mais facilmente as relações entre estes processos e as obras de arte que sofreram sua influência.”

Partindo da premissa de que toda metodologia corresponde a uma concepção de realidade, entendemos que através da dialética é possível compreender melhor essa realidade. Ao privilegiar o fenômeno da transição histórica, isto é, a superação de uma fase por outra, a dialética fornece explicações mais inteligíveis sobre o processo histórico. Como explica Demo (1985, p. 86), “toda formação social é suficientemente contraditória para ser historicamente superável”. Neste sentido, a dialética, diferentemente das outras metodologias, capta as estruturas da dinâmica social e não a sua estática. Entretanto, se a dialética não explica tudo, e reconhecemos isso, apresenta, por outro lado, uma sensibilidade mais aguda para captar a realidade processual.

De acordo com as hipóteses de Goldmann (1976), o comportamento dos seres humanos inseridos em grupos sociais, intervém na realidade visando adaptá-la às suas necessidades. Esse caráter comportamental coletivo, e não individual, é retratado em obras primas da literatura e, por sua vez, nos permite compreender essas obras. Isso porque um escritor (indivíduo) tende a assimilar as categorias mentais de seu grupo social e transferi-las para a sua criação literária.

Por isso, Goldmann (1967a, p. 24) argumenta ainda que uma obra literária concede a um grupo social a possibilidade de entender as suas ideias, pensamentos e sentimentos em determinado contexto histórico e social. Ela “[...] é, por si mesma, um fato histórico da mais alta importância, em virtude da influência que teve, num certo momento e ainda agora logra manter, no modo de pensar e de sentir dos [seres humanos] que constituem certos grupos sociais.”

Ainda de acordo com Goldmann (1967), entre todos os grupos sociais que influenciam o pensamento de um escritor, só um deles favorece de fato a criação

cultural. Esse grupo é o das classes sociais, cuja consciência alcança uma visão global do ser humano e elabora em seus membros uma resposta coerente para a realidade. Tal resposta, denominada visão do mundo, é definida como uma estrutura que só pode ser elaborada por uma classe social, embora se articule através dos escritores, classificados, também por Goldmann (1967), como escritores de gênio. Portanto, a visão do mundo não corresponde a fatos individuais, mas a fatos sociais.

Para este autor, esses escritores de gênio se utilizam de forma subjetiva dos personagens que criam para transmitir, além de emoções e sentimentos, sua visão do mundo que é, na verdade, a da classe social a qual ele pertence. Entretanto, esse caráter subjetivo das obras literárias implica na possibilidade de haver contradições no conjunto da obra de um escritor, devido ao fato de ela ter sido escrita na perspectiva do indivíduo. Essas contradições se manifestam em relação aos postulados que são dominantes no pensamento de um escritor e que regem a sua visão do mundo. Desse modo, o escritor pode conservar em seu discurso traços de correntes de pensamento que ele já superou, mas nas quais foi formado, ao mesmo tempo em que pode advogar novos paradigmas em sua forma de pensar a realidade.

Assim sendo, um método que nos permite considerar os aspectos objetivos e subjetivos, como o proposto por Goldmann, tem um instrumental adequado para nos guiar na compreensão da realidade retratada em uma obra literária. Esse método também é o mais indicado para a análise do pensamento geográfico embutido na visão do mundo de um escritor, forjada em um determinado contexto histórico. No caso de Lobato, que utilizou suas obras para ensinar a Geografia às crianças brasileiras, esse método também aponta um caminho para compreender a forma como ele pensou o ensino dessa disciplina na década de 1930, caracterizada por uma série de transformações que também atingiram a esfera educacional e pedagógica no país.

O procedimento técnico empregado para analisar a visão do mundo de Lobato em sua perspectiva espacial e a concepção de ensino de Geografia na *Geografia de Dona Benta* é o de seleção de palavras-chaves. Esse procedimento, que é utilizado por Mota (1980), consiste em pinçar palavras ou expressões significativas de uma obra literária, reveladoras das ideias, valores e correntes de pensamento que influenciaram o modo de escritores de obras primas da literatura interpretar a realidade.

5. PRINCIPAIS PONTOS DESENVOLVIDOS

Monteiro Lobato recebeu sua formação intelectual e iniciou sua carreira literária no período imediatamente anterior à sistematização da ciência geográfica brasileira na academia, ou seja, no final do século XIX e início do século XX. Advogado de formação, ele assumiu, em uma das correspondências enviadas a Godofredo Rangel¹, ter lido Humboldt, um dos precursores da Geografia Moderna. Entretanto, é provável que Lobato não tenha lido Ratzel no período em que cursou a Faculdade de Direito do Largo São Francisco, em São Paulo, entre 1900 e 1905, pois a versão italiana da *Antropogeografia (Geografia dell'Uomo)* passou a circular entre os intelectuais brasileiros somente em 1914. No entanto, como conhecedor das novidades literárias e científicas, ele possivelmente leu, nessa fase de formação intelectual, outros pensadores do século XIX, como Hippolyte Taine, que também elaboraram teorias deterministas. Essa mesma suposição nos leva a crer que Lobato tenha lido Ratzel por volta da década de 1920, época em que a *Antropogeografia* já estava em circulação no meio intelectual brasileiro e quando ele começou a escrever suas histórias infantis, fato que corroborou suas concepções de influência do meio sobre o ser humano, marcantes nessas histórias.

Ao longo de sua carreira literária, Lobato foi influenciado por relevantes pensadores dos séculos XIX e XX que contribuíram para forjar a sua visão do mundo e lapidar seu estilo de escritor. Destacam-se entre esses pensadores, Augusto Comte – criador do Positivismo que sistematizou a Geografia, caracterizando seu instrumental teórico e metodológico. Destacam-se também alguns teóricos racistas, como Herbert Spencer, que lançou as bases do evolucionismo social apregoando a ideia de que as classes sociais mais fortes dominam as mais fracas, postura filosófica que corresponde ao darwinismo social; Gustave Le Bon, com sua concepção de que a mestiçagem e os fatores climáticos eram as causas da “má qualidade” de um povo; e Oliveira Vianna, com sua visão de superioridade da nossa elite agrária brasileira de “raça branca” e outras soluções para promover o desenvolvimento do país. Além desses pensadores, detectamos no discurso do escritor as ideias de Friedrich Nietzsche, Henry Ford e as ideias escolanovistas apregoadas por John Dewey, que caracterizaram as inovações pedagógicas inseridas na obra infantil lobatiana.

¹ Monteiro Lobato e Godofredo Rangel se corresponderam por cartas, entre 1903 e 1943, tratando, principalmente, de assuntos relacionados à literatura. Essas correspondências foram reunidas em um livro com dois volumes intitulado *A Barca de Gleyre*, publicado pela Editora Brasiliense, em 1956.

Essa profusão de teorias científicas e ideias existentes no Brasil nas primeiras décadas do século XX conduziram Lobato, entre outros intelectuais de sua época, a elaborar uma visão do mundo contraditória sobre a realidade, sem, contudo, romper ideologicamente com a classe social a qual pertenciam.

Na década de 1930, já famoso como escritor e após ter trabalhado nos Estados Unidos como adido comercial, Lobato passou a se dedicar intensamente a produção de livros infantis e a lutar para provar a existência de petróleo no Brasil e incentivar a exploração privada desse recurso do subsolo nacional. Nesses livros, estão presentes as ideias dos pensadores que influenciaram o escritor, além do seu projeto para desenvolver o Brasil, a partir do modelo norte-americano, bastante admirado por Lobato.

Essa década, governada por Getúlio Vargas e caracterizada pela ascensão da burguesia industrial ao poder, também foi marcada pela institucionalização da ciência geográfica brasileira na academia, com base nas concepções possibilistas de Vidal de La Blache. Porém, as ideias deterministas de Ratzel não foram abandonadas nesse processo, mas intercaladas às ideias possibilistas lablachianas, de que o ser humano pode adaptar-se ao meio usando de sua inteligência. Ademais, nessa década, foi criado o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), que possuía um Conselho Nacional de Geografia, responsável por realizar estudos geopolíticos e estatísticos que auxiliaram os governantes no planejamento do território nacional, esclareceram sobre os problemas e potencialidades do país, além de consolidarem a unidade nacional.

Para Anselmo (1995), as ideias de consenso e de ausência de conflitos preconizadas pelos possibilistas, por mascarar os problemas reais de nossa sociedade desigual, identificavam-se com as pretensões ideológicas dos dirigentes do país. Outras ideias como nacionalismo, expansão capitalista, identidade, unidade, integração e segurança nacional também permearam as pretensões desses dirigentes, na década de 1930. Lobato, como representante da burguesia industrial²,

² De acordo com Campos (1986), Monteiro Lobato nasceu em Taubaté, no Vale do Paraíba, em 18 de abril de 1882, em uma tradicional família da elite cafeeira paulista, sendo, portanto, um representante da burguesia agrária que, hegemonicamente, comandou o Brasil até a década de 1930. Entre 1907 e 1918, no Vale do Paraíba, ele atuou como promotor público e fazendeiro. Somente em 1918, Lobato começou a se dedicar às atividades editoriais, fundando, dois anos depois, a primeira editora do país, a Monteiro Lobato & Cia. A partir desse período, além de escritor e intelectual, Lobato passou a representar a burguesia industrial paulista, cuja tarefa era industrializar e modernizar o país. Na década de 1930, Lobato dá continuidade a essa tarefa, atuando também como proprietário de empresas privadas de prospecção de petróleo.

compartilhou dessas ideias e as inseriu em seu projeto de reestruturação do espaço geográfico brasileiro.

Esse projeto está presente em sua obra literária infantil, na qual ele também procurou desenvolver nas crianças que, para Nosella (1981), são seres mais suscetíveis à assimilação de ideologias, um comportamento que lhes possibilitasse atuar na reestruturação desse espaço, já que os adultos, no entender de Lobato, pela mentalidade obscurantista e fechada às mudanças, falharam nessa tarefa.

O projeto de Lobato para o Brasil, portanto, estava de acordo com as pretensões da classe burguesa industrial. Porém, o escritor discordava de sua classe social, no tocante a intervenção do Estado na economia e na sociedade. Para Lobato, o Brasil deveria ser comandado por dirigentes que, pelas vias liberais e não autoritárias, governassem o país com competência. Em sua literatura infantil, Lobato pretendeu formar essa nova classe dirigente educando as crianças da elite, que foram as principais leitoras de suas histórias até meados do século XX.

Em linhas gerais, o pensamento geográfico de Monteiro Lobato está embutido em sua visão do mundo contraditória embasada em diferentes correntes de pensamento e nos interesses de sua classe social. Esse pensamento está presente no discurso geográfico do escritor, analisado a seguir. Nesse discurso também é possível detectar as concepções de ensino de Geografia do escritor.

6. DISCURSO GEOGRÁFICO SOBRE O BRASIL EM *GEOGRAFIA DE DONA BENTA*

Geografia de Dona Benta faz parte do conjunto de livros paradidáticos de Lobato e foi escrita em 1935, um ano após a implantação dos primeiros cursos acadêmicos de Geografia no país. Como o próprio título sugere, essa história é a de maior interesse para o geógrafo, porque trata especificamente da concepção de Geografia que Lobato ensinou às crianças brasileiras.

A história tem seu desenrolar com a turma do Sítio (Dona Benta – ensinando Geografia–, Tia Nastácia, Emília, Narizinho e Pedrinho, Visconde e Quindim) embarcada em um navio chamado “Terror dos Mares” viajando por diferentes lugares do Brasil e do mundo para aprender Geografia “na prática”. No presente artigo,

enfocamos, principalmente, alguns excertos que apresentam de forma mais significativa a visão do mundo do escritor em relação ao Brasil, de modo a averiguar as correntes de pensamento, ideias e valores que o influenciaram na construção de seu discurso geográfico.

A viagem ficcional teve início pelos estados brasileiros, e Lobato adotou o critério de mostrar os aspectos socioeconômicos e físicos desses territórios, enfatizando como os seus habitantes podem explorar os recursos disponíveis para alcançar o progresso. Ele intercala esses comentários com análises dos problemas que dificultam o progresso e explicações sobre aspectos históricos e turísticos dos lugares visitados.

O primeiro estado visitado pela turma do Sítio foi o Rio Grande do Sul, no ponto extremo sul do país. Ao descrever os Pampas e os gaúchos, Lobato deixa transparecer a influência em sua visão do mundo das teorias deterministas de que o meio atua na formação de uma “raça”.

A vida dos homens, em qualquer parte do mundo, depende da terra, e como aqui a terra é sobretudo composta desses campos, ótimos para a criação de gado, a vida dos homens que habitam o Rio Grande, o Uruguai e a Argentina giram em torno da criação de gado. [...] O hábito de lidar com o gado deu aos moradores dos Pampas uma fisionomia especial. São homens carnívoros, isto é, que se alimentam quase exclusivamente de carne, e valentes. (LOBATO, 1982³a, p. 150)

Os estados do Sul brasileiro, especialmente o Rio Grande do Sul, são considerados por Lobato como os mais promissores do país, devido a seus aspectos físicos e às qualidades da população, composta majoritariamente de “brancos”, que podem levá-los ao desenvolvimento econômico, interpretação advinda de sua postura determinista e darwinista social.

— Ah, o Rio Grande do Sul é uma das partes mais importantes, mais ricas e de mais futuro do Brasil. Tem todas as condições de clima e topografia para desenvolver-se cada vez mais. O povo é sadio e corajoso. E entusiasta. Um povo feliz. As culturas são variadíssimas;

³ A edição escolhida para realizar a análise do discurso geográfico de Monteiro Lobato é a que reúne a obra infantil completa do escritor, publicada em 1982, pela Editora Brasiliense, ano do centenário de seu nascimento. Essa edição recebeu algumas atualizações relativas a fatos históricos descritos por Lobato, porém, a maior parte do texto permanece fidedigna aos originais do escritor.

produz até trigo; e as indústrias se desenvolvem com muita força.
(LOBATO, 1982a, p. 155)

Aproveitando a proximidade do Rio Grande do Sul com a Antártida, a turma do Sítio resolve visitar essa terra gelada. Durante a visita, Lobato, por meio dessa personagem, explica o que são os polos e o clima que atua nessa porção do planeta. Nesse momento, o escritor avança em sua postura determinista afirmando que, apesar do frio intenso desse continente inóspito, “esse terrível bichinho que é o homem até lá tem conseguido ir.” (p. 152).

Depois de visitar a região Sul, a turma do Sítio segue viagem pelo Brasil passando pelo Mato Grosso, onde Dona Benta comenta que o petróleo pode conduzir esse estado ao desenvolvimento. Porém, alerta que a ineficiência de suas vias de transporte pode dificultar o alcance desse desenvolvimento. Esses comentários de Lobato, por meio de Dona Benta, se referem à política territorial da década de 1930 de construir vias de transporte para estabelecer a integração e a unidade nacional, com o intuito de facilitar a migração (mão de obra) para as indústrias da região Sul⁴, ocupar os vazios demográficos e dinamizar a economia do país, escoando a produção agrícola dos estados centrais.

Essa política territorial, mencionada em outros momentos da história, faz parte do projeto de Lobato e da burguesia industrial, de re-estruturação do espaço geográfico nacional a fim de conduzir o Brasil ao progresso. Quando a turma do Sítio visita os Estados Unidos, que era o modelo de sociedade e economia que Lobato queria implantar no Brasil, o escritor enaltece aquele país pela qualidade e quantidade de vias de transporte em seu território, especialmente as rodoviárias, afirmando que elas são uma das razões do progresso norte-americano.

Nessa perspectiva, ele também elogia São Paulo, descrevendo a impressão das crianças do Sítio quando elas veem grande quantidade de veículos trafegando pelas rodovias desse estado. Então, Dona Benta explica do que é feita a gasolina que movimenta os veículos e afirma, em uma visão spenceriana de progresso.

– [...] O petróleo é o rei dos combustíveis modernos, de modo que só são fortes, ricos e respeitados os países que o possuem. Graças ao petróleo é que os automóveis e aviões existem. Ferro e petróleo: eis os dois elementos básicos da grandeza dos povos modernos. Os

⁴ Na década de 1930, os estados que compunham a região Sul do Brasil eram, além do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina, São Paulo e Rio de Janeiro, a então capital federal do país.

Estados Unidos tornaram-se o país mais rico do mundo porque é de todos o que produz mais petróleo. (LOBATO, 1982a, p. 158)

Dona Benta também louva o estado de São Paulo pelo clima agradável e por ser a locomotiva do país devido à agricultura e à indústria pujantes, à autossuficiência industrial e à sua população que forma “um núcleo humano dos mais operosos.” (p. 159). Lobato, paulista de nascimento, demonstra seu etnocentrismo ao salientar essa ideia de que São Paulo é a locomotiva do país. Esse etnocentrismo do escritor vai contra a política de integração nacional da década de 1930, que pretendia estabelecer a unidade nacional para reverter a ameaça separatista que pairava em nosso território, configurado como um grande arquipélago.

De São Paulo, o brigue segue rumo ao Rio de Janeiro, estado para o qual Lobato dedica comentários sobre a sua peculiar geografia, especialmente, em relação ao relevo composto por elevações cobertas de floresta tropical e formações rochosas exóticas, por exemplo, Pão de Açúcar e Morro da Urca. Ao mencionar a história do estado fluminense e o quanto esse estado "sofreu" com a libertação dos escravos, Lobato demonstra resquícios da visão do mundo da burguesia rural cafeeira, classe social de sua origem. O escritor culpa os escravos pelas dificuldades econômicas enfrentadas pelo Rio de Janeiro ao transmitir a ideia de que, com a libertação, eles abandonaram as fazendas, cujas terras foram tomadas pelo sapé e pela saúva, em consequência da falta de trabalho dos escravos. Lobato conclui que, em virtude desse colapso de mão de obra para o trabalho nas fazendas, o Rio de Janeiro passou a enfrentar graves dificuldades financeiras.

Com essas informações, o escritor camufla a história real do pós-abolição, período em que os fazendeiros não absorveram os escravos recém-libertos como mão de obra assalariada em suas fazendas. Ao contrário, foram os fazendeiros que abandonaram os ex-escravos sem indenizá-los pelos anos de trabalho. Além disso, os fazendeiros desqualificaram os escravos como trabalhadores nacionais, pois exigiram que os governantes trouxessem imigrantes europeus ao Brasil para que, além de trabalhar nas fazendas e nas indústrias em ascensão, pudessem “arianizar” a nossa população mestiçada e “inferior”.

Depois de passarem por Minas Gerais, estado que Dona Benta comenta ser um grande produtor de ferro, e ainda salienta que sua capital, Belo Horizonte, possui uma invejável organização espacial urbana, entra em foco o Nordeste brasileiro, a

começar pelo seu clima. No excerto a seguir, está presente a concepção determinista de Lobato, que associou o clima atuando na adaptação de uma “raça”.

No Nordeste, ‘o clima é quente e portanto impróprio para as raças brancas que da Europa emigram para a América. Notem que no Sul do Brasil há muitos imigrantes estrangeiros, que vieram e se fixaram em virtude do clima ser mais ou menos o mesmo que de suas pátrias.’ (LOBATO, 1982a, p. 167)

Esse excerto também revela que houve maior alocação de mão de obra imigrante para o Sul do Brasil, contribuindo para intensificar nossa disparidade regional. Isso ocorreu porque as elites desenvolveram o discurso ideológico de que o clima nordestino era impróprio para a “raça branca”, a fim de trazer o maior número possível de imigrantes para o Sul do país, região onde estavam concentradas as indústrias financiadas pelo capital cafeeiro. Essa estratégia das elites contribuiu para promover o desenvolvimento da região Sul do país em detrimento das demais.

Lobato continuou explanando sobre o Nordeste contradizendo-se ao afirmar que, em toda essa região, o europeu não se fixa com exceção dos portugueses (que também são europeus), “que se fixam em todos os climas do mundo, sejam os mais tórridos da África, sejam os climas gélidos da Terra Nova, lá no Canadá.” (p. 167)

O elogio ao povo português é recorrente na *Geografia de Dona Benta*, quer pela sua capacidade de adaptação em qualquer clima (por ser uma “raça forte”) quer pelo seu empreendedorismo movido pelo desejo de conquistar territórios em todo o mundo. Essa visão de superioridade dos portugueses, cujos descendentes compunham nossa aristocracia de procedência ariana e considerada civilizada, é provável influência de Oliveira Vianna nas concepções de Lobato.

Dona Benta também fala das secas e das consequências que elas trazem à população nordestina. Ela sugere soluções para amenizar essa problemática, como a irrigação e o aproveitamento comercial do babaçu e critica as autoridades governamentais pela sua inoperância em relação às secas. Nesse momento, Lobato transmitiu aos seus leitores a explicação real dos problemas da região Nordeste e apresentou soluções viáveis e coerentes para amenizar as secas que atingem essa região. São essas explicações que revelam a preocupação de Lobato em demonstrar às crianças brasileiras a realidade do país, sem incutir-lhes um discurso patriótico.

Ainda sobre o Nordeste, Lobato explica que entraram na formação da população nordestina "os portugueses, o negro e o índio - só. Não houve lá, como no Sul, nenhuma injeção de sangue novo europeu" (p. 168). Sua concepção ideológica darwinista social está presente nesse excerto demonstrando que o Sul, povoado de descendentes de imigrantes europeus capazes de elevar o Brasil ao progresso, contrastava com o Nordeste povoado de negros e índios que, na concepção dos darwinistas sociais, eram incapazes de qualquer ato civilizatório. Essa divisão do território nacional em dois Brasis, a porção norte atrasada e a porção sul desenvolvida, promovida não só por Lobato, mas pela elite governante brasileira, era um grande entrave à integração do país.

Quando a turma do Sítio conhece as terras e as águas amazônicas, Lobato comenta, em uma concepção determinista, sobre o clima da região amazônica que "é quente e úmido, o que torna a vida do homem ali uma luta constante contra as doenças e os bichinhos" (p. 172). O escritor comenta também sobre a imensidão e a importância do rio Amazonas para a população ribeirinha e dá uma longa explanação sobre os recursos existentes em suas águas e na floresta Amazônica. Por fim, Lobato afirma que "a Amazônia ainda assusta a gente da "raça branca". Só o índio nativo lhe suporta o regime de vida" (p. 172) e profetiza com sua visão do mundo progressista e darwinista social que o homem de "raça branca" um dia vai conquistar a Amazônia e transformá-la "na mais maravilhosa das fazendas".

Tais colocações revelam que Lobato desconhecia a impropriedade do solo amazônico para a prática da agricultura. Elas também demonstram a visão utilitária do escritor que apregoou a agricultura praticada pela "raça branca", como forma de explorar as terras amazônicas, e não a exploração dos recursos da floresta ou uma revolução tecnológica, que pudessem garantir renda às populações ribeirinhas e divisas ao país ao mesmo tempo em que preservaria essa importante formação vegetal de nosso país.

Em excertos como esse, observamos a ausência de preocupação de Lobato em formar uma consciência ambiental nas crianças brasileiras, pois Lobato avalizou a destruição das matas amazônicas. O fato de direcionar essa tarefa aos "brancos" demonstra também a influência darwinista social em seu pensamento.

Convém salientar que, em vários momentos da história, Lobato utilizou Tia Nastácia, que viajara no Terror dos Mares assumindo o posto de cozinheira do navio, para criticar o povo brasileiro que, por não ser aberto à modernização, era, ao lado

dos fatores econômicos, um dos obstáculos ao progresso do país. Em alguns excertos da história nos quais essa personagem aparece, também evidenciam-se traços de racismo por parte do escritor, especialmente, quando ele se refere aos aspectos somáticos de Tia Nastácia, definidos com termos próprios para animais, no caso, “lábios” por “beicho”. Esse racismo também é demonstrado porque Tia Nastácia se mostra incapaz de aprender, ao contrário dos personagens “brancos”, que possuem um raciocínio dinâmico.

Gouvêa (2005) enfatiza a maneira ambígua com que os personagens negros, a exemplo de Tia Nastácia, foram inseridos na obra infantil lobatiana que também pretendia criar um sentimento de brasilidade para integrar as etnias que formavam a nossa população. A solução encontrada por Lobato para criar esse sentimento, e por outros autores da época, foi inserir os negros nas histórias infantis pelo viés do folclore, valorizando-os em sua oralidade e sabedoria popular. Porém, Lobato, imbuído das concepções darwinistas sociais, criou esses personagens com mentalidade infantil que os fazia ser ignorantes, supersticiosos, servis e incapazes de assimilar o moderno⁵.

Vasconcellos (1982) também alerta sobre o distanciamento do escritor na análise real dos fatos ao elaborar essa representação do povo brasileiro em sua literatura infantil, em especial, do negro. De acordo com a autora, examinando a história da humanidade é possível verificar que muitos governantes e religiosos “brancos” tiveram dificuldades em assimilar novas invenções e teorias que poderiam ter mudado a interpretação dos fenômenos e o destino do mundo, por serem avessos ao novo e desejarem manter o *status quo*. Portanto, essa mentalidade obscurantista não é mérito único do povo, mas também das classes dominantes.

Depois da Amazônia, a viagem geográfica da turma do Sítio segue para outros lugares do mundo, nos quais Lobato também apresenta um discurso geográfico essencialmente determinista e ideias pautadas no evolucionismo spenceriano, além de concepções pedagógicas pautadas no ideário escolanovista. No entanto, diante das

⁵ Em *Histórias de Tia Nastácia* (1982b, p.110), podemos observar uma crítica de Lobato ao povo e à cultura popular, expressada por meio de Dona Benta.

"Nós não podemos exigir do povo o apuro artístico dos grandes escritores. O povo... Que é o povo? São essas pobres tias velhas, como Nastácia, sem cultura nenhuma, que nem ler sabem e que outra coisa não fazem senão ouvir as histórias de outras criaturas igualmente ignorantes, e passá-las para outros ouvidos, mais adulteradas ainda."

limitações de espaço do presente artigo, esse discurso não será analisado nesse momento.

7. CONCLUSÕES

Nas análises realizadas em *Geografia de Dona Benta*, observamos que, na maioria das vezes, Lobato produziu um texto que se diferencia dos compêndios didáticos nacionais de Geografia da década de 1930⁶, especialmente, porque não apelou para patriotismos com o intuito de criar “amor à pátria” nas crianças e nem inventariou exaustivamente os aspectos físicos do território brasileiro. Lobato não deixou de mostrar nossas potencialidades às crianças, porém apontou-lhes os problemas brasileiros e a ineficiência de nossos governantes.

Influenciado pelo ideário escolanovista, o escritor também inovou na *Geografia de Dona Benta* quanto à metodologia de ensino, pois buscou dinamizar as aulas de Geografia (no contexto da época) ministradas por Dona Benta, por exemplo, introduzindo o trabalho de campo para observação prática dos fenômenos espaciais, embora tal procedimento tenha se passado no âmbito ficcional.

A visão do mundo contraditória de Lobato, forjada no evolucionismo spenceriano, tanto em sua vertente otimista do progresso quanto em sua vertente pessimista, além das ideias deterministas de que o meio condiciona a adaptação das “raças”, está presente com maior ênfase na *Geografia de Dona Benta*, história que retrata o projeto de nação que Lobato pretendia implantar no país. No entanto, em alguns momentos dessa história, Lobato aproxima-se do instrumental possibilista lablachiano, quando mostra que o ser humano pode transformar o meio utilizando sua inteligência.

Essa visão do mundo é observada, em relação ao Brasil, quando Lobato evidencia nosso potencial econômico e energético e apresenta ideias para uma política territorial, ao mesmo tempo em que desvaloriza, explícita ou subliminarmente, o povo brasileiro em sua parcela menos favorecida economicamente, especialmente o negro, embora a elite agrária “branca” tenha sido

⁶ Os compêndios didáticos de Geografia da década de 1930 deixavam de mostrar as mazelas do Brasil com sua população miserável e seus problemas de ordem política para exaltar a grandeza, beleza e riqueza de nosso território habitado por “três raças” que viviam em harmonia.

alvo de suas críticas. Essa contradição também existe no tocante à unidade nacional, quando Lobato enaltece algumas regiões do país em detrimento de outras.

O pessimismo de Lobato em relação ao povo brasileiro derivou da influência das teorias racistas em sua visão do mundo, que também caracterizam as interpretações preconceituosas dos negros presentes na história analisada nesse artigo, inaceitáveis na contemporaneidade em uma literatura direcionada às crianças. Nesse sentido, essa história deve ser entendida como testemunho de uma fase de nosso país, na qual o preconceito era transmitido às crianças, elaborando suas concepções a respeito de nossa formação social pluriétnica.

Nesse raciocínio, entendemos também o tratamento dado pelo escritor as questões ambientais presentes na *Geografia de Dona Benta*. Como representante de seu tempo e da classe dominante, Lobato entendia os recursos da natureza pela ótica utilitarista e, por isso, não se esmerou em formar uma consciência ambiental nas crianças brasileiras. Logo, essa história de Lobato serve de contraponto para conhecermos as mensagens ideológicas acerca das atitudes em relação ao meio ambiente, transmitidas às crianças no contexto desenvolvimentista do início do século XX. Assim, pudemos verificar que essas mensagens estão em desacordo com a atual e urgente necessidade de preservação do meio ambiente, sendo a educação ambiental direcionada às crianças um dos caminhos para alcançar esse propósito.

Diante do exposto, concluímos as análises da *Geografia de Dona Benta*, esperando contribuir, dessa forma, com os educadores que pretendem trabalhá-la na perspectiva da Geografia e com os estudos sobre a História do Pensamento Geográfico Brasileiro. Tais análises nos permitiram compreender que as interpretações de Lobato acerca da nossa realidade, bem como, a sua proposta para uma reestruturação do espaço geográfico nacional, foram concebidas de acordo com a visão do mundo da classe dominante. Essa constatação vem desmistificar a ideia de neutralidade da ciência geográfica, que subsidiou o escritor a produzir sua literatura infantil, e reavaliar métodos, teorias e ideologias que, processualmente, construíram essa ciência.

8. REFERÊNCIAS CITADAS

ANSELMO, Rita de Cássia Martins de Souza. **Oliveira Vianna e a unidade-identidade do espaço brasileiro**. 1995. 142 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, UNESP, Rio Claro - SP.

ANTONIO FILHO, Fadel David. **O pensamento geográfico de Euclides da Cunha: uma avaliação**. 1990. 258 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro - SP.

_____. **A visão da Amazônia Brasileira: uma avaliação do pensamento geográfico entre 1900-1940**. 1995. Tese. (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro - SP.

BRAY, Sílvio Carlos; SOUZA, Rita de Cássia Martins. As influências darwinistas sociais e o determinismo geográfico em Oliveira Vianna. **Revista de Geografia**. Unesp - São Paulo, v.12, p. 87-94, 1993.

CAMPOS, André Vieira de. **A república do Picapau Amarelo: uma leitura de Monteiro Lobato**. São Paulo: Martins Fontes, 1986. 165 p.

DEMO, Pedro. **Introdução à Metodologia da Ciência**. S. Paulo: Atlas, 1985.

GOLDMANN, Lucien. Materialismo Dialético e História da Literatura. **Revista Civilização Brasileira**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 11-12, p. 108-125, mar.1967.

_____. **Ciências humanas e filosofia**. Que é a sociologia? Tradução de Lupe Cotrim Garaude e J. Arthur Giannotti. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967a. 117 p.

_____. **Sociologia do Romance**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. (Literatura e Teoria Literária, v.7)

GOUVÊA, Maria Cristina Soares. Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n.1, p. 77-89, jan/abr. 2005.

LOBATO, Monteiro. **A barca de Gleyre**. São Paulo: Brasiliense, 1956. V.1,2.

_____. **Geografia de Dona Benta**. São Paulo: Brasiliense, 1982a.

_____. **Histórias de Tia Nastácia**. São Paulo: Brasiliense, 1982b.

MOTA, Carlos Guilherme. **Ideologia da cultura brasileira (1933-1974): pontos de partida para uma revisão histórica**. São Paulo: Ática, 1980. (Ensaio, 30).

NOSELLA, Maria de Lourdes Chagas Deiró. **As belas mentiras**: a ideologia subjacente aos textos didáticos. São Paulo: Moraes, 1981. 239p. (Educação Universitária).

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 13-107; p. 225-248.

VASCONCELLOS, Zinda Maria Carvalho de. **O universo ideológico da obra infantil de Monteiro Lobato**. São Paulo: Traço, 1982. 172p.